

Como convencer e curar: a introdução da homeopatia no Rio Grande do Sul

BEATRIZ TEIXEIRA WEBER - UFSM

A proposta de divulgação da homeopatia no Rio Grande do Sul vinculou-se à atividade de indivíduos que tiveram contato com a proposta de Benoit Mure. A referência mais antiga está relacionada à difusão da homeopatia pelos professores formados pela Escola Homeopática do Brasil, fundada no Rio de Janeiro em 1845. Os professores Edmundo Tberghien Ackerman, Joaquim Gonçalves Gomide e padre João Pedro Gay, além de Dionysio de Oliveria Silveiro, diplomado pela Universidade de Coimbra, realizaram a propaganda da homeopatia desde 1847, tendo recebido uma “boa recepção”¹. Também encontramos referência de um consultório homeopático para pobres, instalado em 1849, em uma das salas da Câmara Municipal da vila de São José do Norte, dirigido pelo dr. E. J. Adhermann².

Além dessas atividades, a estratégia de divulgação através de publicações populares parece ter sido a mais expressiva forma de difusão da homeopatia no Rio Grande do Sul. Diversas publicações procuraram popularizar variados assuntos do conhecimento de ciências em ascensão na segunda metade do século XIX, como leis, medicina e engenharia, através de manuais vendidos ou distribuídos aos interessados. Era uma literatura auto-instrutiva que facilitava a proximidade com conhecimentos talvez só acessíveis em grandes centros urbanos, como, por exemplo, manuais de culinária, de boas maneiras, de direito e medicina, visando à divulgação de códigos de elegância, de ciências, de higiene, e de regras sociais fundamentais para se construir o que os autores idealizavam como “civilização”³. A proposta de alguns homeopatas também era divulgar seus preceitos ao maior número possível de pessoas, tornando essa prática auto-aplicável, e compreensível a quem se interessasse. Segundo um desses autores, propunha-se a fazer um guia homeopático que “estivesse ao alcance de todas as inteligências, mormente dos chefes de família, que, espalhados pelo interior dos Estados e longe dos socorros dos profissionais, não pudessem de pronto acudir às suas

peessoas, que enfermassem e com probabilidade de bom êxito⁴. Vários praticantes procuraram divulgar seus preceitos para que fossem acessíveis a leigos e não só a médicos. Procuravam um estilo que não fosse “por demais científico” e que aos “indoutos” não causasse “um embaraço insuperável”⁵.

A possibilidade de angariar adeptos para as suas práticas esteve vinculada a uma estratégia pública que envolvia a divulgação de suas propostas como as mais adequadas. A homeopatia procurou publicar manuais para leigos com os preceitos homeopáticos para que qualquer pessoa pudesse aplicá-la, utilizando-se de boticas homeopáticas vendidas em farmácias. Segundo Muniz Cordeiro, todo o chefe de família que residisse em lugares onde não pudesse obter os medicamentos de que precisava, deveria possuir uma botica homeopática para socorrer aos necessitados. Ele indicava uma lista de 39 medicamentos dos mais indispensáveis, que deveriam estar na 5ª dinamização, além de serem objetos indispensáveis os fios de linho, pontos falsos, tintura de arnica, tintura de “plumeria”, álcool refinado e água destilada. O texto apresentado é simples e acessível, com uma listagem das principais condições que seriam tratadas pela medicação homeopática e as recomendações dos remédios, uma listagem dos remédios e das principais indicações e, por último, uma guia homeopática de novos medicamentos⁶. Algumas dessas obras ofereciam uma descrição das boticas e seus preços no final dos volumes⁷.

Um exemplo dessa prática foi o homeopata Manoel Amaro Jr.. Ele era filho de um grande criador em Jaguarão, que também possuía fazendas no Uruguai. Ele atenderia os casos de acidentes graves nas lidas campeiras e sua habilidade teria se espalhado. Utilizava flora medicinal no tratamento e aprendeu homeopatia nos manuais dessa terapêutica, aos quais teria acesso no Uruguai, onde seriam utilizados em larga escala. Possuía uma clínica médica regular em Jaguarão, com um consultório com aparelhagem para radiologia, ginecologia e obstetrícia. Atendia amparado por um alvará de licença para o livre exercício da medicina, concedido no Império⁸.

A referência ao homeopata Josefilo de Souza Brandão⁹, em 1857, é a primeira e mais antiga encontrada de um homeopata na região de Pelotas. A cidade foi sede do Laboratório Homeopático Souza Soares desde 1874, originada de uma farmácia fundada por um português, segundo Fernando Luis Osório¹⁰. O Laboratório tornou-se um dos mais importantes de homeopatia no Brasil, no qual eram produzidos diversos medicamentos, sendo o mais famoso o Peitoral de Cambará, indicado para todos os tipos de tosse e para a tuberculose. O Laboratório era situado num amplo parque chamado Pelotense, fundado em 1883. Seu proprietário era José Álvares de Souza Soares¹¹. Ele era um médico autorizado pela Diretoria de Higiene Pública do Estado do Rio Grande do Sul para clinicar. Nas informações que constam em uma de suas publicações, era um industrial farmacêutico por decreto do Governo do Brasil, autor de obras de medicina, como “Auxílio Homeopathico”, “O Novo Médico” e “Novo Guia Homeopático”, fundador da Sociedade Medicinal Souza Soares Ltda., criada na Europa e no Brasil para os laboratórios de produção homeopáticas, para os Específicos de Souza Soares, Peitoral de Cambará, Pastilhas da Vida e outros preparados de sua descoberta¹², a sociedade era antecessora de Souza Soares & Irmão. O Parque Pelotense era uma propriedade onde funcionava uma granja, as oficinas farmacêuticas, uma tipografia, residências para os empregados e um parque aberto ao público com atividades de lazer (bosques, caramanchões, chalés, labirintos, repuxos, lagos, aparelhos de ginástica, praças e restaurante)¹³.

Em 1889, o diretor da 3ª seção da Secretaria de Estado dos Negócios do Império pediu informações, em ofício reservado, sobre a conduta e moralidade de Souza Soares e do seu parque. A resposta do Presidente da Província Silveira Martins foi: “Esse Souza Soares nesta província não tem sido mau homem, antes tem-se mostrado bom e cavalheiro, é charlatão e conseguiu fazer fortuna com o xarope de cambará, de sua preparação”. O parque é considerado lugar de passeio, mas não caberia no título de “parque imperial”, que estaria sendo solicitado¹⁴. Paulo Roberto Rodrigues Soares afirma que é uma obra de “saneamento social” da cidade de Pelotas, pois foi o principal ponto

de recreio e ócio da população, com livre acesso e permitindo “à burguesia local transmitir uma boa imagem e seu desejo de integração de todas as classes e também constituía-se num fator de controle social, pois a população trabalhadora era “educada” através dos hábitos “higiênicos e polidos” dos mais ricos”¹⁵.

Dentre várias publicações, Souza Soares lançou um pequeno livro chamado “O Novo Médico ou A medicina simplificada ao alcance de toda a gente”, em que dissertava sobre as doenças e os específicos homeopáticos para a sua cura. “Método moderno e facilimo de curar as moléstias em geral por meio de Específicos inofensivos, de muita eficácia, com rapidez e economia...”¹⁶. Propunha-se a ser um “tratado de medicina popular”, informando como “ser um médico de si mesmo”, com anatomia do corpo humano, descrição dos específicos, sua preparação e administração das doses, conselhos de regime e dietética, além de descrever de forma clara e instrutiva os sintomas e como tratá-los, incluindo um índice de moléstias das crianças.

O livro era distribuído gratuitamente e considerado um novo método de cura, com as vantagens da inocuidade, facilidade do emprego, eficácia, rapidez de ação e economia. Os “específicos” que propunha, em “pílulas saccharinas”, teriam sido estudados cientificamente, experimentados desde o ano de 1889 e só entregues ao público depois de confirmada sua eficácia. Afirmava ser uma medicina nova, muito fácil e de grande eficácia, cuja principal vantagem era a nomenclatura nova adotada pelo autor, evitando os enganos na sua aplicação e facilitando o tratamento das moléstias, pois não se precisaria ser médico para saber que remédio utilizar. Um exemplo é a “febrilina”, remédio para as febres em geral, ou a “epidermina”, para as moléstias da epiderme ou da pele. “São medicamentos combinados de harmonia com as moléstias originadas pelo clima do Brasil e costumes de toda sua população, tão diferente dos habitantes de outros países, e é por isso que se tornam ainda mais eficazes na cura das enfermidades”¹⁷. Mas a principal vantagem apontada “é de FAZER DESAPARECER completamente todos os embaraços na escolha do remédio para o tratamento das moléstias, visto que, geralmente, em 2, 3 ou 4 medicamentos encontra-se, sem dificuldade alguma, toda a

medicação necessária! Desta forma fica garantido o tratamento das enfermidades por aqueles que não podem, facilmente, como se ensina em algumas obras de medicina homeopática, escolher o remédio por um grande número de sintomas que a moléstia apresenta e que só o médico ou quem pode estudar medicina é dado apreciar devidamente”¹⁸. Quando tomados por engano, nenhum mal produziram porque “são preparações livres de toda a parte tóxica”. Além de serem “baratíssimos”.

As vantagens listadas para seu método de tratamento são minuciosas e procuram convencer os usuários da utilidade do livro e dos específicos propostos por Souza Soares. Seu estabelecimento também publicou um “Almanach da Família”, em 1892, que servia como matéria de leitura, além de calendário e indicações caseiras¹⁹.

Segundo Lorena Gill, Souza Soares envolveu-se em uma longa disputa através da imprensa a partir de 1898, com representantes dos “Específicos de Humphreys”, produzidos em Nova Iorque. Os representantes do produto acusavam Souza Soares de copiar a fórmula e os rótulos do seu específico. Souza Soares sustentou o debate através dos jornais, enaltecendo os valores da indústria brasileira e desenvolvendo uma grande campanha publicitária, que reforçava as iniciativas de um morador da cidade de Pelotas, apresentado como empreendedor e arrojado²⁰. O tom da polêmica indica os elementos que procuram ser destacados como mais valorosos pelo seu autor para o convencimento da população a seu favor.

A presença da homeopatia em áreas urbanas no Rio Grande do Sul parece estar relacionada a uma prática formal, médica e farmacêutica, e pouco vinculada a uma proposta espiritualizada. Como a dificuldade de acesso a fontes limita as afirmações, pode-se apenas apontar as possibilidades, sem, contudo, concluir de forma mais clara.

Aventamos a hipótese de que há um conhecimento e uma inserção da prática homeopática no interior do Rio Grande do Sul bem antes e, talvez, concomitante, com o período em que ela é referida nas áreas urbanas. Esse material parece ter feito parte de algumas casas, principalmente de proprietários letrados, que utilizariam conhecimentos diversos para o exercício de práticas de cura entre seus subordinados. Médicos

produziram manuais que representavam a legítima ciência da época, mas eram, igualmente, legítimos agentes de medicina popular, tamanha sua aceitação e difusão entre a população leiga. Seus consumidores eram leigos letrados, boticários, fazendeiros e sinhás-mães de família que praticavam a medicina, no trato com seus escravos, agregados, libertos e pobres livres que viviam em seus arredores. Mas também foram obras que serviram como interlocutoras de indivíduos que formavam a base da prática das artes de cura no país, curandeiros, boticários, sangradores, cirurgiões-barbeiros, algebristas. Havia um amplo panorama de práticas de cura no Brasil que não permitem ser classificadas de forma rígida²¹. A homeopatia mesclou-se a esta diversidade, também compondo um campo de tratamentos variados através da divulgação de manuais para a população leiga do interior do Brasil.

¹ <http://www.dichostoriasaude.coc.fiocruz.br>, em 13/1/2005.

² MARTINS, Souza. Arquivo. Consultórios. Dispensários. Casas de Saúde. Enfermarias. Hospitais homeopáticos instalados no Brasil. Apontamentos históricos organizados por Souza Martins. 1948. Manuscrito. Instituto Hahnemanniano do Brasil.

³ GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. “Os Manuais de Medicina Popular de Chernoviz na Sociedade Imperial” In: **Revista Cantareira**. Criada e mantida por alunos da área de História da UFF. No. 5, vol. 1, abr-ago 2004. Site www.historia.uff.br/cantareira

⁴ CORDEIRO, Bráulio Jayme Muniz. **O Médico dos Pobres ou a Homoeopathia ao Alcance de Todos**. 7 ed. Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1899, p. v. Optamos por atualizar a ortografia dos textos, para facilitar a compreensão.

⁵ CORDEIRO, Op. cit., p. v.

⁶ CORDEIRO, Op. cit.

⁷ LAURIE, T. **Medicina Domestica Homoeopathica**. Rio de Janeiro: Publicada pelo editor José Ferreira de Pinho, proprietário do Laboratório Homeopático da Rua da Quitanda/ Tip. União, 1887. A obra é uma tradição da 24ª ed inglesa. Ela pretendia oferecer os “meios para conhecer o estado do doente, distinguir o estado de saúde do da moléstia e determinar a natureza desta”, com uma análise das doenças específicas e os procedimentos.

⁸ BARRETO, Sabino Menna. “Resumo Histórico da Homeopatia no Rio Grande do Sul”. Trabalho apresentado no I Congresso Sul Americano de Homeopatia. Ed. Patrocinada pela Farmácia Homeopática de Luiz G. Klein & Cia. Porto Alegre: Tip. do Centro, 1944, p. 5.

⁹ SINTRA, Elmano de. **Sociedade Portuguesa de Beneficência: História da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Rio Grande, através de um século: 1859-1959**. Porto Alegre: Of. Graf. Da Livraria do Globo, 1959, p. 23. Trata-se de uma polêmica na imprensa para instalação de uma enfermaria homeopática em Pelotas.

¹⁰ OSÓRIO, Fernando Luis. **Almanaque de Pelotas**. Pelotas, 1934. Biblioteca da PUC-RS.

¹¹ GILL, Lorena Almeida. **Um Mal de Século: Tuberculose, Tuberculosos e Políticas de Saúde em Pelotas (RS) 1890-1930**. Porto Alegre: Doutorado em História – PUCRS, 2004, P. 47, 242.

¹² SOARES, Visconde de Souza. **O Novo Médico ou A medicina simplificada ao alcance de toda a gente**. 17 ed. Pelotas: Typ. de Souza Soares & Irmão, 1937. Informações constam na apresentação do livro.

¹³ **O Rio Grande Industrial**. Porto Alegre: Echenique Irmãos e Cia, 1907, p. 45-46.

¹⁴ Ministério do Império – RS – Ofício dos Presidentes – Maço 1889 (IJJ 9 467). Ofício de 4 nov 1889. De G. Silveira Martins ao Barão de Loreto. Arquivo Nacional.

¹⁵ SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. “Modernidade Urbana e Dominação da Natureza: o Saneamento de Pelotas nas Primeiras Décadas do Século XX” In: **História em Revista vol. 7, no 1**. Pelotas: Núcleo de Documentação Histórica/UFPEL, dez 2001, pp. 65-91, citação p. 72.

¹⁶ SOARES, Visconde de Souza. Op. Cit., apresentação do livro.

¹⁷ Idem, p. 11.

¹⁸ Ibidem, p. 12, grifo do autor.

¹⁹ GILL, Lorena Almeida. Op. Cit., p. 42. OSÓRIO, Fernando. **A cidade de Pelotas: corpo, coração e razão.** Pelotas: Off. Typ. Do Diário Popular, 1922, p. 202.

²⁰ GILL, Lorena Almeida. Op. Cit., p. 43. A polêmica desenvolveu-se no jornal Diário Popular, da cidade de Pelotas, a partir de 1º de abril de 1898 e durante o ano de 1899.

²¹ GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Op. cit.